



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

BRUNA CRISTINA LIMA NASCIMENTO

**NAS TECITURAS DO PODER: A CONSTRUÇÃO DA “BOA IMPRENSA”
ATRAVÉS DAS CARTAS PASTORAIS POR DOM ADAUCTO DE MIRANDA NA
PARAÍBA- (1890-1928)**

**CAMPINA GRANDE
2016**

BRUNA CRISTINA LIMA NASCIMENTO

**NAS TECITURAS DO PODER: A CONSTRUÇÃO DA “BOA IMPRENSA”
ATRAVÉS DAS CARTAS PASTORAIS POR DOM ADAUCTO DE MIRANDA NA
PARAÍBA- (1890-1928)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de licenciatura em História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento às exigências para obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientadora: Prof. Dr. José Pereira de Sousa Júnior.

**CAMPINA GRANDE
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

N244n Nascimento, Bruna Cristina Lima

Nas tecituras do poder [manuscrito] : a construção da "boa imprensa" através das cartas pastorais por Dom Adauto de Miranda na Paraíba - (1890-1928) / Bruna Cristina Lima Nascimento. - 2016.

30 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.

"Orientação: Prof. Dr. José Pereira de Sousa Junior, Departamento de História".

1. Igreja. 2. República. 3. Poder. I. Título.

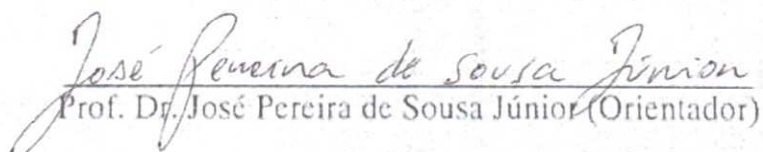
21. ed. CDD 981.05

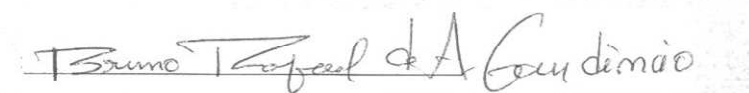
BRUNA CRISTINA LIMA NASCIMENTO


NAS TECITURAS DO PODER: A CONSTRUÇÃO DA “BOA IMPRENSA” ATRAVÉS
DAS CARTAS PASTORAIS POR DOM ADAUCTO DE MIRANDA NA PARAÍBA-
(1890-1928)

Artigo apresentado ao curso de licenciatura em
História da Universidade Estadual da Paraíba,
em cumprimento às exigências para obtenção
do grau de Licenciado em História.

Aprovada em: 30/05/2016


Prof. Dr. José Pereira de Sousa Júnior (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Msc. Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Msc. Jordan Queiroz Gomes

A minha filha Olivia Anna,
por todo amor a mim dedicado.

AGRADECIMENTOS

Quando olhamos para o nosso lado e vemos alguém que está sempre presente, uma pessoa que nunca nos deixa desanimar, só podemos estar gratos...

A DEUS toda honra e toda glória, ao seu filho unigênito JESUS, que por amor a mim morreu em uma cruz, um favor imerecido... eis meu consolo, meu abrigo, minha fortaleza em momentos de angustia, quantas vezes precisei e sei que precisarei de teu colo, não posso te ver Senhor, mas posso te sentir e sei que nos momentos que não tive forças para caminhar Tu me carregasses em teus braços. A Ti minha eterna gratidão!

A minha pequena OLIVIA ANNA, com ela minha vida tem sabor, o sol brilha mais, seu sorriso, sua voz, seu cheirinho tudo em você eu amo, meu presente precioso que Deus me deu, tudo isso só tem sentido por você, que é minha razão de viver, por você subiria os mais altos degraus, faria todos os sacrifícios, agraciada sou todos os dias quando ouço você me chamando de mamãe, você me ensinou o que é o verdadeiro amor, aquele que transborda todo íntimo do meu ser, te amo minha princesa!!!!

Aos meus familiares minha MÃE (Fátima), meu IRMÃO (Tadeu), minha CUNHADA (Pepita), meus SOBRINHOS (Nicolas e Augusto) e meus AVÓS (Joana e Severino – in memoriam) as palavras somem diante da emoção deste momento, não é fácil falar de quem se ama, todos os amores que podemos receber durante a vida, o amor dos familiares é, sem dúvida, o mais especial. Não existe outro que consiga ser incondicional e demonstrar ao mesmo tempo um interesse tão grande e genuíno na nossa felicidade. Apenas posso agradecer por tudo o que vocês me têm dado, pois nunca conseguirei compensar devidamente a dedicação que sempre manifestam.

Ao meu NAMORADO (Rumenigg), que tão pacientemente me ajudou nos momentos de incertezas e de alegrias, dividir com você esses momentos têm sido de inestimável gratidão, você que acreditou que isso seria possível, que me deu conselhos e compartilha de seus sentimentos, estabelecendo uma relação de confiança e respeito.

Aos meus PROFESSORES, detentores de um conhecimento os que fizeram ocupar o lugar onde estavam, muito grata pelos “puxões de orelha”, por compartilhar suas experiências de vida, pelas palavras que muitas vezes dura ou branda serviram para nos incentivar, Das mais variadas formas, dedicaram-se a nos transmitir uma das maiores virtudes que se pode ter: o conhecimento. Suas atitudes, ensinamentos, exemplos e incentivos colaboraram para que fôssemos além dos nossos limites e medos. Hoje sabemos que nossos melhores mestres não

foram os que nos ensinaram as respostas, mas, sim, aqueles que nos ensinaram a questionar, a duvidar, a pensar e a sonhar.

Houve tempos em que precisei chorar, houve tempos em que sorrir, houve tempos em que questionei, houve tempos em que sonhei, lutei, vivi intensamente algumas emoções e vocês meus amigos sempre estiveram ao meu lado, posso hoje depois de cinco anos juntos não apenas chamar de colegas de classe, mas de “AMIGOS”, agradeço a turma 2011.2 pela acolhida em seus corações, em especial a turma dos “anormais”, Erika companheira de confidências, que me emprestou seus ouvidos e me consolou quando eu mais precisei, até pelos olhares sabíamos o que a outra estava pensando, nunca esquecerei de nossas conversas longas e nossas gargalhadas lá em Bacana (risos)... Thiago, Joselito, Wellington, Fabiano, Alan e Aline sem vocês minha caminhada nesse lugar de saber e poder não teria sido a mesma, como descrever tudo o que vivemos, daria um livro... “Erika e as crônicas de uma turma muito louca”, como tenho orgulho de vocês, crescemos juntos em conhecimento, adquirimos experiências, superamos nossas expectativas a cada desafio lançado, JUNTOS, sempre juntos éramos cúmplices e defensores, ao escrever esses agradecimentos não pude conter o cair de algumas lágrimas por saber, que essa etapa das nossas vidas está terminando e que todos trilharemos novos caminhos, espero com muita ansiedade encontrá-los nas estradas desta vida, dividir com vocês artigos acadêmicos, livros publicados, seminários etc.

Ao meu ORIENTADOR e AMIGO José Junior, que não só de palavras, mas de atitudes foi sempre presente em minha vida, quantas lamentações, quantas tristezas, dúvidas e também alegrias dividimos ao longo desses anos juntos, nunca deixou de me responder, de me apoiar e me encorajar para dias melhores, devo muito a você, talvez não existam palavras suficientes e significativas que me permitam agradecer você com justiça, com o devido merecimento. Sua ajuda e seu apoio foram para mim de valor inestimável, mas é tudo o que me resta. Apenas posso me expressar através da limitação de meras palavras, e com elas lhe prestar esta humilde, mas sincera, homenagem.

“Deveis pois saber bem, homens da ordem e da conservação: se a desordem e a corrupção de costumes acabarem por triunfhar na nossa mui querida Parayba, no nosso tão caro Brazil; se vier um dia de completa ruina para todos os interesses da fé e da moral cristã, sereis os responsáveis no tribunal da história, por haverdes preferido todos esses males sociais a voltar a pratica da verdadeira religião.”
(Dom Adauto de Miranda, CARTA PASTORAL, 1923. p.56)

NAS TECITURAS DO PODER: A CONSTRUÇÃO DA “BOA IMPRENSA” ATRAVÉS
DAS CARTAS PASTORAIS POR DOM ADAUCTO DE MIRANDA NA PARAÍBA-
(1890-1928)

Bruna Cristina Lima Nascimento

RESUMO

Com o advento da República em 1890, o cenário político social passara por transformações significativas. Destaca-se, pois, nessa pesquisa, a separação do Estado e a Igreja, com a implantação do Estado Laico no Brasil. Essas mudanças de caráter político religioso mexeram com as estruturas da Igreja Católica, a qual teve que se adaptar as modificações em que o país estava passando. É dentro desse cenário político da Primeira República (1890-1930), que a construção do meu artigo se insere, trazendo para o Estado da Paraíba do Norte, a partir da utilização das fontes impressas como jornais e cartas pastorais. Procuramos saber através do personagem do Dom Adauto de Miranda Henrique primeiro bispo e arcebispo da Paraíba do Norte, como foi a adaptação da Igreja a esse novo cenário político? Como a Igreja reagiu? E, quais foram suas armas para combater os ideais que vinham de encontro à doutrina eclesiástica? A metodologia utilizada foi a leitura das cartas e jornais pastorais publicados pela própria imprensa católica assim como publicações de outros jornais de circulação da época dentro do Estado. Para dá suporte teórico metodológico, foi feito uso de leituras complementares da historiografia brasileira.

Palavras-chaves: Igreja; República; Poder.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo, trata-se de um estudo, a qual nasceu da leitura das cartas pastorais¹ publicadas pelo jornal da diocese ‘A Imprensa’². Nas páginas do periódico ‘A Imprensa’, é evidente a constância de pensamentos das ideologias da classe dominante, o periódico faz valer-se de porta voz dos interesses desta classe. Especificamente neste momento onde o país passava por um período politicamente conturbado, e a igreja católica via-se obrigada a manter uma postura de atalaia, reafirmando seu poder pastoral através das cartas e não perder suas

¹ Essas Cartas Pastorais foram publicadas, na íntegra, no jornal *A Imprensa*, de 07 de julho de 1918. Enquanto o Papa se dirigia aos bispos por meio das *Cartas Encíclicas*, eles, por sua vez, usavam as *Cartas Pastorais* para fazer com que chegassem as posições doutrinárias provenientes de Roma aos padres da diocese. Eram documentos públicos, divulgados em forma de plaquete, em jornais e nas missas. Excepcionalmente, algumas das cartas eram reservadas ao conhecimento exclusivo do clero. As cartas de Dom Adauto são, portanto, significativos documentos para se perceber como foi o processo de romanização na Paraíba. Entre 1894 e 1935, esse bispo redigiu 24 cartas destinadas ao clero e ao povo em geral, cinco reservadas ao clero, e 10, coletivas. Cf. Dias, 2008, p. 118-119.

² Lançado em 27 de maio desse ano, o jornal *A Imprensa* tinha formato grande, com periodicidade semanal. Em sua primeira fase, circulou até 13 de novembro de 1903. Entre 1905 e 1912, foi substituído pela publicação mensal do *Boletim Ecclesiastico*.

ovelhas para as novas ideologias políticas que estavam sendo apresentadas e semeadas pela imprensa não católica.

No primeiro momento deste artigo fizemos uma breve análise historiográfica sobre a importância da imprensa como meio de comunicação e suas interfaces na história. No segundo momento fazemos um relato sobre Dom Adauto de Miranda Henriques, sua origem, sua ascensão ao bispado, suas influências políticas e sociais na Paraíba, sendo participante ativo na romanização do Estado da Paraíba. E por fim, analisaremos o uso da imprensa, no discurso do arcebispo, como meio de propagação de seus ideais eclesiais, fortalecendo o pensamento de que a “Boa Imprensa” seria aquela que estaria relacionada aos preceitos da Igreja Católica Romana, rejeitando toda e qualquer imprensa que não fosse vinculada a mesma, para isso utilizamos as cartas pastorais publicadas entre os anos de 1907 a 1935.

O objetivo geral dessa pesquisa seria analisar as influências dos discursos da Igreja Católica sobre os rumos da sociedade após a proclamação da República, na tentativa de reafirmar seu poder e tecer críticas por exemplo a maçonaria, ao protestantismo, ao espiritismo, aos liberais, e a imprensa que não era católica. Para isso a Igreja fez das cartas pastorais, publicadas pelo Arcebispo da Paraíba Dom Adauto no jornal ‘A Imprensa’, uma forte arma para reafirmar o poder eclesial da Igreja Católica no Estado da Paraíba do Norte. Dentro de um todo, busco especificamente observar a importância que teve a imprensa por se constituir um veículo de comunicação utilizado pelo clero nacional, e em particular o paraibano para se construir um discurso de poder do clero nacional e paraibano, assim entender como se deu o movimento Republicano na Paraíba e suas tessituras com a imprensa católica, e por fim, compreender o que seria a “Boa Imprensa” e “Má Imprensa” segundo o Arcebispo Dom Adauto de Miranda.

A metodologia utilizada nessa pesquisa foi a leitura de cartas e jornais pastorais publicadas pela própria imprensa Católica, jornais e periódicos paraibanos e também leituras complementares de bibliografias para dar suporte teórico. A escolha dos jornais e periódicos como objeto de estudo se justifica por compreender a imprensa como instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social. Em suma partimos do conceito que a imprensa escolhe e atua na construção de determinados projetos de poder, daí surge a importância de se utilizar o Jornal “A Imprensa”, para justificar as questões levantadas no artigo, além de diálogos com textos clássicos da historiografia sobre o os temas República no Brasil, Igreja Católica e Imprensa, fazendo-nos partir de um exercício de revisão bibliográfica sobre o tema.

2 JUSTIFICATIVA

De acordo com os interesses da nossa pesquisa, propomos trabalhar com a seguinte temática: NAS TECITURAS DO PODER: A CONSTRUÇÃO DA “BOA IMPRENSA” ATRAVÉS DAS CARTAS PASTORAIS POR DOM ADAUCTO DE MIRANDA NA PARAÍBA (1890-1928). Partindo de leituras feitas as cartas pastorais publicadas pelo jornal da diocese “A Imprensa”.

Com a advento da República no Brasil, um conjunto de problemas e desafios que segundo Lustosa (1991), vinha envolvido na estratégia e na ideologia da modernização que, sob o nome de progresso, os intelectuais afirmavam e destacavam na pregação do programa da propaganda republicana. Nasce, portanto, no Brasil uma República sob o signo liberal do laicismo.

É importante pensar como a Igreja Católica vai se comportar e avaliar a política desse novo regime? Como reagiu nas diversas fases do período republicano em torno da problemática religiosa? Pois a desorientação dos primeiros meses foi sendo superada pelo esforço das hierarquias eclesiais em traçar um raciocínio coerente de comportamento frente ao novo contexto político e religioso do país.

Os bispos ou vigários lançariam cada um no território de sua jurisdição, cartas circulares, orientando os fiéis sobre a nova situação e chamando atenção para os riscos que esse novo regime trazia para a Igreja Católica.

Eis que surge na Paraíba um nome do Dom Aducto de Miranda Henriques, natural da cidade de Areia PB, “teria sido senhor de engenho, se não fora padre” confessava o mesmo, segundo Lima (2007)

Nele apontava de vez em quando o senhor de engenho do Nordeste com sua visão clara das coisas, com seu tino econômico e administrativo, com seu amor a natureza; com seu gosto de mandar, com sua veemência tempestuosa ao repreender com seu trato lhano e afável para os que o compreendia; com sua frugalidade, com seu horror a etiquetas e formalismos, com seu viver simples, que fazia consistir o supra sumo do conforto numa boa rede e num bom charuto (LIMA, 2007, p.24).

Aos dez anos de idade após ler a biografia do 1º Frei Caitano de Messina, quis ser padre, aos dezenove anos foi pra Europa, ingressando no Seminário Sulpiciano de Issy, em Paris. Dois anos após, matriculou-se no Pontifício Colégio Pio Latino Americano de Roma, doutorou-se em direito canônico.

Retornando ao Brasil, sacerdote, entrou a fazer parte do corpo docente do seminário de Olinda, tendo apenas vinte e nove anos, aos trinta e oito galgou o episcopado. Se tornando o primeiro bispo e após arcebispo da Parayba do Norte.

Para Lima (2007), o arcebispo conhecia o valor da imprensa na vida social, levando-a a perfeição ou a decadência conforme seus princípios:

Porque a imprensa, assim dizia ele, constitui hoje, mas que nunca, o principal alimento do espírito, tanto para a vida como para morte, para o bem como para o mal. Boa, transmite aos indivíduos e à família a vida moral, trazendo concomitantemente a segurança das instituições, o bem-estar da sociedade e o verdadeiro progresso dos povos. Má, arrasta consigo a decadência, amontoa destroços, gera a morte (LIMA,2007, p.180).

Por isso para o Arcebispo a imprensa católica, está confiada a missão de salvar a sociedade, defendendo com zelo e divulgando os dogmas da Igreja. Nas páginas do periódico “A Imprensa” é evidente a constância de pensamentos e ideologias da classe dominante, o periódico faz valer-se de porta voz dos interesses desta classe. De acordo com o pensamento de Bourdieu, podemos observar esse momento como uma dominação simbólica existentes nas lutas regionais e locais pelo poder. Segundo Sousa Junior (2015),

Pensamos o regionalismo respaldado por Bourdieu, que segundo ele, o regionalismo é apenas um caso particular das lutas propriamente simbólicas em que os agentes estão envolvidos quer individualmente e em estado de dispersão, que coletivamente e em estado de organização, e em que está em jogo a conservação ou a transformação das relações de forças simbólicas e das vantagens correlativas, tanto econômicas como simbólicas (SOUSA JUNIOR,2015, p.1).

Por essa perspectiva, se buscou o apoio metodológico nas contribuições trazidas pela Nova História Cultural que veem proporcionar não só uma ampliação no conceito de fonte, como também na utilização que se pode fazer das mesmas, assim como surgiram outras perspectivas de problematização dos objetos de investigação histórica. Essa nova abordagem possibilitou a reivindicação do individual, do subjetivo, do simbólico com ângulos necessários e legítimos para a análise histórica. Essa visão considera que a realidade é social e/ou culturalmente construída; o que era dado como imutável e estabelecido assume o caráter de “construção cultural”, redefinindo, assim, novas abordagens no campo da História.

Ainda na década de 70, era pouco o uso de jornais e revistas como fonte para o conhecimento da história no Brasil, como afirma a Tania Regina (2010), com o passar das décadas o uso da imprensa como fonte de pesquisa foi essencial para novas abordagens da história, abrangendo o campo de pesquisa para os historiadores.

Fizemos nossa pesquisa sobre as leituras das Cartas Pastorais, escritas pelo Dom Aduacto de Miranda, publicadas no jornal oficial da diocese A Imprensa, no total foram 29 cartas a primeira escrita em 1894 e a última em 1935. São diversos os assuntos tratados em suas cartas pastorais, desde família, repreensões sobre a mulher, festas nas Dioceses, conselhos Papais, política, religião e imprensa.

Assim dentro das leituras percebemos que até 1918 a Igreja da Paraíba se pronuncia de maneira subjetiva em suas cartas sobre a nova situação política do país, porém a partir deste ano de 1918 é notório as defensivas e ataques que a Igreja Católica faz a República através de suas cartas pastorais, por isso faço uso das cartas até o período de 1928 a qual ele repreende mais uma vez o uso da imprensa como meio de propagação das ideias advindas com o novo regime político do país.

O meu recorte parte dos primórdios da República 1890 até 1928, faz –se necessário compreender toda a estrutura política que se construiria com a chegada da República, as modificações que a Igreja passa através desse novo regime político. A qual a mesma começa a ter novos meios de se manter forte diante do que para ela se tornara uma ameaça.

Trazemos as perspectivas teóricas ensejadas por Michel Foucault e Pierre Bourdieu, buscando nas diferentes abordagens indicações para melhor compreensão do artigo. Michel Foucault, se destaca em seus estudos sobre as formas de controle e disciplinamento individual, formas essas, consideradas vitais para a implantação e uniformização das práticas do catolicismo romanizado. Já para Pierre Bourdieu, expressa um tipo de poder que se relaciona ao status e a cultura, a dominação simbólica e esta que ocorre entre os indivíduos através do simbolismo do status, da predominância de uma prática cultural sobre a outras.

Assim, o presente artigo se torna relevante, pois tem por objetivo a compreensão da (re)construção do poder Eclesiástico na República através da imprensa midiática, percebendo a riqueza da fonte periódica e suas múltiplas possibilidades abordadas.

3 A Imprensa e a Igreja Católica

A imprensa surgia no Brasil em 1706, em Pernambuco, sempre suprimida pelo poder da coroa, cujo objetivo era manter a colônia atada a seu domínio, nas trevas e na ignorância. Manter as colônias fechadas à cultura era uma característica própria da dominação.

Segundo Habermas (1984, apud SOUZA, 2003), o espaço público surgiu no seio da democracia ateniense, mas foi no século XVIII que o conceito se firmou na versão da era moderna. Se, de início, o espaço público era o local das discussões políticas, da formação de

opiniões e da legitimação do poder, com a imprensa ocorreu o deslocamento desse espaço para os jornais.

A imprensa foi a primeira instância mediadora do espaço público, antes concretizado pelos debates em clubes, ruas e praças. No entanto, como os meios de comunicação não atendem a todos os segmentos sociais que desejam ou tentam participar do debate estabelecido na mídia, os grupos ignorados da esfera midiática são, por consequência, excluídos do espaço público. Ou seja, para Melo (2005) a imprensa favoreceu a “privatização do espaço público”. Porém, é interessante observar que sempre houve e possivelmente sempre haverá grupos à margem, aqueles que por alguma razão não estiveram aptos a discutir e polemizar, seja por razões econômicas ou educacionais.

No início do século XIX, a imprensa que dominava era a opinativa ou ideológica, no caso, a imprensa de partido. Esse tipo de jornalismo imperava em virtude do aumento crescente do nível de politização da população e, ao mesmo tempo, da falta de matéria-prima para a produção de notícias factuais, além do baixo índice de alfabetização de grande parte da sociedade. A partir dos anos 30 do mesmo século, nos Estados Unidos, surgiram os primeiros jornais mais factuais e menos opinativos, as notícias saíram do meio meramente econômico, político e bélico e ingressaram nos fatos do cotidiano da sociedade, dando origem às notícias de interesse humano.

De acordo com Sousa (2003), o que contribuiu para essa mudança no perfil dos jornais foi o fortalecimento da alfabetização, a concentração das pessoas nas cidades (com a consequente urbanização), o aumento do poder aquisitivo, a mudança do conceito de jornal de partido para o de jornal-empresa (com vista aos lucros), os novos valores sociais e o progresso tecnológico das formas de impressão, permitindo aumento das tiragens e redução dos preços dos jornais.

Nessa fase, a formatação dos textos jornalísticos começou a ser feita a partir da fórmula de pirâmide invertida. Essa formatação surgiu em decorrência do uso do telégrafo, que exigia economia de linguagem, por conta do custo da ligação e devido aos cortes comuns durante a transmissão.

No fim do século XIX, a segunda geração da imprensa popular se estruturou, os jornais ficaram mais baratos e direcionados para a população. Os donos de jornal passaram a focar seus objetivos nos lucros, dando abertura ao surgimento do jornalismo não só noticioso e factual, mas sensacionalista. Surgiram novas regras, como a utilização de gráficos e fotografias.

A imprensa se iniciou no país de forma definitiva, sob a proteção oficial somente a partir de 1808. Iniciava –se a chamada imprensa Régia, com a vinda de D. João ao Brasil. Editado por Hipólito da Costa, no início do século XIX, surgiu o Correio Braziliense, onde criticava o poder régio, o mesmo se tornou o único meio de denúncias sobre a administração brasileira.

No decorrer da história, a imprensa brasileira desenvolvia-se à medida que a política nacional ia tomando o rumo pós-independência. Eram comuns na época os chamados pasquins, jornais de caráter satírico e difamatório. Através da Proclamação da República a imprensa manteve seu crescimento, com mais prestígio, força e combatividade. Até então com a censura da corte, os jornais tinham um controle a partir de sua criação, Sodré ressalta que, mesmo ostentando uma certa independência, os jornais brasileiros optavam por ocupar suas páginas com publicidade, a “empregar sua influência na orientação da opinião pública” (SODRÉ, 1999, p. 252).

A imprensa tinha como propósito formar um público leitor, dando-lhes moldes para uma formação de opinião pública, formando grupos de cidadãos conscientes de sua força e, capazes de constituir teias sociais representativas. Os primeiros jornais engajaram-se nesse pensamento, entendendo que a construção de um público leitor era também a construção de um sentimento patriota, e passivo à dominação.

É relevante lembrar que a reconstrução de uma época e de uma sociedade por intermédio dos jornais, é feita a partir do registro dos acontecimentos, reportagens, editoriais, artigos opinativos, anúncios e outras modalidades de matérias jornalísticas onde o pesquisador encontra subsídios para a compreensão dos aspectos políticos, sociais, econômicos, culturais e ideológicos (MORAES, 1992).

Segundo Aróstegui (2006), fonte para a história pode ser, e de fato é, qualquer tipo de documento existente, qualquer realidade que possa aportar um testemunho, vestígio ou relíquia, qualquer que seja sua linguagem.

Os jornais impressos relatavam os acontecimentos diários de uma sociedade, ou de determinado grupo social, assim podemos dizer que está dentro do objeto de estudo da História Cultural, onde a mesma compreende tanto a cultura intelectual quanto material, a erudita e a popular, a cultura científica, filosófica e artística, mas também a cultura cotidiana e, enfim a alta cultura: ciências, filosofias, artes, literatura ou do senso comum (FOLCON, 2002). Portanto, a história cultural, busca estudar/compreender as práticas e representações cotidianas culturais de uma sociedade, com finalidade de reconstruí-las, e a imprensa torna-se uma fonte de recursos riquíssimos nesse processo, como explica Magalhães:

A imprensa e o seu uso na pesquisa têm por meta auxiliar na reconstituição histórica, no intuito de apreender mudanças, transformações, relações sociais, formas de comportamento, entre outros, possibilitando pensar sobre o cotidiano e os seus diferentes sujeitos. [...] Os estudos voltados para o cotidiano buscam perceber as descontinuidades e fragmentações, as amplas articulações que se compõem e se recompõem continuamente. Sendo assim, os jornais nos permitem —garimpar elementos configuradores da complexidade do cenário local. Em relação ao uso do jornal, é importante entendê-lo —como uma das maneiras, como segmentos localizados e relevantes da sociedade produziram, refletiram e representavam percepções e valores da época (MAGALHÃES,2004, p.61).

A capacidade que os jornais têm a partir do cotidiano de reconstruir segmentos e valores de uma determinada sociedade os tornam um dos mais relevantes veículos de manutenção e construção da memória (SOARES; HELAL; SANTORO,2004).

Segundo Pereira (2011), a imprensa foi um veículo utilizado, bem ou mal, pela hierarquia eclesiástica e pelos católicos “para defender a fé e os costumes, para reivindicar direitos, para lutar contra os adversários e em uma palavra, para informar e formar”.

No final do século XIX e início do século XX, a imprensa católica estava se consolidando e sua meta era se fortalecer, pois a Igreja Católica passara por difíceis questões religiosas. Sendo assim, os periódicos católicos que circulavam durante esses anos firmaram relações com o movimento de turbulência e transformação da sociedade brasileira.

Afirma Sousa Junior,

Como sabemos, os jornais constituem uma fonte de extrema importância para a captação dos significados e jogos de interesses que se entrecruzavam naquele momento de divergências e acordos entre Igreja Católica e Estado, uma vez que a imprensa reproduz, em suas páginas, o cotidiano dos indivíduos em seu tempo, além de buscar fortalecer os dogmas e as práticas católicas (SOUSA JUNIOR,2015, p.2).

Lutosa (1991) afirma, que a proliferação de jornais católicos, acompanhou uma tomada de consciência da importância da imprensa num meio social aberto aos problemas e às novas conjunturas de transição, diante dos quais a Igreja precisa se posicionar e agir.

No século XIX e no início do século XX, preocupou-se primeiramente, em reformar as práticas religiosas da população, que eram tidas como bastante externalizadas, costumeiras, cotidianas, pouco sacramentais e de junções condenáveis entre elementos sagrados e profanos. E posteriormente, preocupou-se em reforçar o prestígio da Igreja com a reforma do clero nacional, em reafirmar o escolasticismo por meio de uma série de bulas e encíclicas, e em combater as tendências consideradas perigosas à sociedade civil, como a maçonaria, os ideais de modernidade e as associações religiosas (GOMES, 2009, p. 22-23).

Vale ressaltar que os periódicos, desde os primórdios da instauração dos ideais republicanos no país, estavam passando por modificações. A monarquia tornou-se obsoleta e extinta, que consequentemente perde seu lugar nas páginas dos periódicos, a não ser por um ou outro periódico que publicava alguma charge, mostrando a atual situação em que se encontrava a monarquia. O lugar de destaque da monarquia, agora é prontamente ocupado pelos ideais republicanos e os anúncios da modernização, e o com duplo papel de seduzir e recrutar seu público, como nos afirma Martins:

Isto porque neste momento ensaiava-se a indústria do ‘reclame’, veiculado com uma impressão mais sofisticada, com maiores tiragens, recurso das modernas máquinas de impressão Alauzet. Através de extensas listas de artigos importados, anúncios dos últimos modelos de Paris, reprodução de vitrines repletas de novidades das famosas Casas de Armarinhos, que anunciavam da casimira inglesa ao romance de Eugene Sue – *Os Mistérios de Paris* -, passando pelas notáveis máquinas de costura New Home ou Singer, introduzia-se o leitor no ‘Maravilhoso mundo do consumo’ (MARTINS, 1997, p.57).

Com a chegada da República no Brasil, proclamada em 15 de novembro de 1889, a Igreja se depara com um dos seus mais relevantes combates no qual ela teria que batalhar, uma vez que estava certa de que a República se aparelhava contra ela. Pois o progresso dominava as camadas cultas do país e os ideais republicano era propagado com mais intensidade.

Dentre os ideais republicanos que mais causou atordoamento à Igreja foram a secularização e o laicismo, para o Dom Adacto(1903) “logo, com todo rigor da lógica, os legisladores, magistrados e quaisquer depositários do poder que proíbem o ensino religioso, mui longe de serem bemfeitores e amigos da sua pátria e dos seus súbditos, são seus verdadeiros malfeitores e inimigos da ordem e da liberdade pública, cavando assim sua própria ruína [...]” (CARTA PASTORAL, 1903, p.19). Porquanto a proposta da república consistia em segregação entre a Igreja e o Estado, que iriam a partir de então executar suas atribuições dentro de seus próprios domínios. A Cúria Romana estava preocupada com essas mudanças no Brasil e observou que se fazia necessário tomar algumas medidas para manter seu poder pastoral no país.

3.1 Dom Adauto combatendo o bom combate

A História da arquidiocese da Paraíba remota ao dia 27 de abril de 1892 quando o Papa Leão XIII, pela Bula *Ad Universas Orbis Ecclesias* desmembrou a então Diocese de Olinda o território que compreende os estados do Rio Grande do Norte e da Paraíba, constituindo assim uma nova diocese com sede na capital, instalada em 4 de março de 1894,

com a chegada do seu primeiro Bispo Dom Aducto de Miranda Henriques³, nascido em Areia em 1855, filho de coronel, sua família fora muito importante nos atuais estados da Paraíba e Rio Grande do Norte, ainda sendo no século XVII capitânias.

Vale salientar que o Dom Aducto acompanhou todo o revigoramento que o pensamento católico no Brasil passará desde meados do século XIX, com o ultramontismo romano, movimento conservador da Igreja, que ocorria no centro de sua instituição. Portanto, entende-se por Ultramontano aquele que segue a orientação de Toma, ou seja do Papa em exercício. Esse movimento nasceu da necessidade em que as raízes conservadoras encontravam em rebater o impacto das revoluções liberais europeias e o desenvolvimento filosófico e científico que agitaram Roma e o trono pontifício.

Esse catolicismo sobre a perspectiva ultramontana foi marcado pelo centralismo institucional e por um fechamento da Igreja sobre si mesma, rejeitando contato com o mundo moderno. Portanto, foi nesse ambiente de tradicionalismo que Dom Aducto teve suas influências como líder pastoral, não é de estranhar suas posições firmes diante de alguns assuntos que avançava para a modernidade de uma sociedade.

Logo com sua chegada fundou o seminário e o colégio diocesano. Instalando o Seminário, Dom Aducto visava a capacitação de novo clero, com formação moral mais rigorosa nas bases doutrinárias da Igreja Católica, tudo isso demonstra a preocupação do bispo em ocupar seu lugar de autoridade na sociedade paraibana. Notabilizando-se pelas pastorais em que condenava o liberalismo, ateísmo, socialismo, maçonaria, comunismo, emancipação da mulher e o relaxamento de costumes trazido pelo urbanismo e a industrialização. O Bispo tornou-se símbolo de poder tanto eclesiástico como socialmente, em defesa da moralidade, e em breve se tornou Arcebispo.

Segundo Lima (2007, p. 16), “(...) foi filho, neto e bisneto de senhores de engenho”, o que deixou marcas profundas em sua personalidade, podemos então se apropriar do pensamento de Levi (2000) e dizer que o prestígio familiar de Dom Aducto como uma espécie de transmissão de seu modo de pensar o poder, seria, portanto, uma herança imaterial,

³ Dom Aducto nasceu em Areia – PB, em 30 de agosto de 1855. Era filho do Coronel Idelfonsiano de Miranda Henriques e Laurinda Esmeralda de Sá de Miranda Henriques, proprietários do Engenho Buraco. Depois de ser alfabetizado por sua mãe, estudou até os dezenove anos em sua cidade natal, quando partiu para a Europa, onde fez o Curso de Humanidades no Seminário de S. Sulpício em Paris (1875-1876), o Curso Superior em Teologia e o Doutorado em Direito Canônico no Colégio Pio Latino-americano, em Roma (1877-1882). Ordenou-se padre em 1880 e voltou para o Brasil em 1882. Foi nomeado professor no Seminário de Olinda, onde permaneceu até 1894, quando assumiu o bispado da Paraíba (Cf. Ferreira, 1994, p. 65-64).

assim Dom Aducto teria herdado o autoritarismo de seu pai, dentro de um campo de poder a qual seria agora a Arquidiocese da Parayba.

Dom Aducto sempre demonstra sua devoção ao Papa Leão XIII, e ao mesmo conclama a população a ler publicações católicas que defendam a moral de origem da religião em uma carta pastoral publicada no jornal A Imprensa:

O immortal pontifice Leão XIII que resolveu, com aprumo e tacto social, as grandes questões de seu tempo, resumiu nestas palavras o ambito de nossos deveres para com a imprensa: cumpre aos catholicos, escreveu elle, sustentar, de uma maneira efficaz, a bôa imprensa..., concorrendo directamente para faze-la viver e prosperar, o que pensamos se não há feito bastante até agora (JORNAL A IMPRENSA, 1918, p.3).

Nessas cartas apostólicas ele sempre mencionava trechos, das cartas pastorais vindas de Roma, publicadas pelo Papa, onde o Dom Aducto fazia questão de comentá-las, para então divulgá-las fazendo uma espécie de resumo dos ideais papais, podemos assim compreender que o mesmo verticalizava esse poder eclesiástico se colocando como interprete da vontade papal na Parayba.

Observarmos que as multifaces políticas do Arcebispo através de um poder simbólico, obtinha força sobre boa parte dos segmentos sociais, formando uma teia que aumentava cada vez mais esse poder. Portanto, mais uma vez se apropriando da fala do Levi (2000), o poder não está separado da organização de um campo onde agem forças instáveis e que estão sempre sendo reclassificadas, assim o poder ou certas formas de poder é a recompensa daqueles que sabem explorar os recursos de uma situação, tirar partido das ambiguidades e das tensões que caracterizam o jogo social.

Percebemos que a relação do Arcebispo com o jornal da diocese faz com que aumente cada vez mais sua imagem de homem poderoso, digno de admiração pela população da Paraíba ao qual iria colocá-lo como uma autoridade acima dos políticos. Sua influência na romanização do clero também aumentaria ainda mais seu poder como afirma Barreto (2011).

Esse processo de romanização levou a emergência de uma classe sacerdotal renovada, que tentava adequar a Igreja brasileira à nova realidade republicana, a Igreja se estruturava quase toda voltada para os tempos imperiais, e com a presença da republica deveria passar por modificações.

Uma das tais medidas a serem tomadas pela Igreja para conter a ação dos ideais republicanos no Brasil, foi planejada entre o Vaticano e os dirigentes locais da Igreja, que acharam por bem multiplicar as Dioceses e Arquidioceses no país, para manter o seu poder e fortalecer a ação pastoral. Segundo Lustosa,

Durante todo período colonial (1500-1822) e durante toda fase imperial (1822-1889), a igreja católica no Brasil viveu, do ponto de vista político, um processo de estabilidade e segurança em razão de sua dependência total do Estado, dotado de institutos jurídicos cuja prática ou aplicação, às vezes abusiva, prejudicava o programa de tarefas pastorais da comunidade eclesial (LUSTOSA,1991, p.15).

Em 1899 a igreja através de Dom Aducto, este representante maior da Igreja na Parayba do Norte, achou por bem proibir a parte profana da Festa das Neves naquele ano, tendo como fundamento o domínio da maçonaria nesta parte da festa da padroeira. Essa atitude do bispo colhe como resposta o retorno da Questão Religiosa dos anos 1874/5, a maçonaria ver nesta atitude de Dom Aducto como uma convocação para um desafio, bem como menciona Melo,

A maçonaria aceitou o desafio. Apoiados em instituições republicanas como o Clube Astréa e ainda o comércio do Varadouro, intelectuais anti-religiosos e jornalistas radicais, os maçons desfecharam violenta campanha contra a Igreja. Do lado oposto, Dom Aducto não cedeu, suspendendo as homenagens religiosas à padroeira. Sem essas celebrações, a parte profana da Festa das Neves perdeu o brilho, mas a maçonaria sustentou-a. Quando o choque entre maçons e católicos ganharam as ruas, o presidente Gama e Melo, com desgaste para a sua autoridade (MELLO,2013, p.153).

A Igreja mantinha seu estado de atenção para conservar seu poder patriarcal sob a comunidade paraibana, porém nesse momento a sociedade está sendo aburguesada e os eventos sociais assumem novas formas, deixando o velho espaço de socialização e fiscalização (a Igreja), para inserir-se em outros onde pudessem interagir com maior liberalização dos costumes.

A Igreja não esteve em nenhum momento comprimida perante os confrontos, pelo contrário, ela manteve-se em sua posição de atalaia, impondo e doutrinando por meio de exortações o seu rebanho, tal como Mello (2013, 154a), nos conta“ (...) mas a Igreja, intuindo o advento dos novos tempos reagiu, condenando a maioria daquelas diversões que, na Paraíba, se consolidariam pelos anos vinte”.

A partir da década de 1920, a Igreja Católica organizou-se efetivamente para uma atuação mais decisiva, apresentando reivindicações mais amplas no cenário sócio cultural brasileiro e republicano, tanto nas esferas de sua legitimação de seus direitos e tradição, quanto nas esferas de difusão dos ideários católicos. Inicia-se uma luta dos católicos, a partir dessa década, com o objetivo de alterar as bases laicas e agnósticas do regime, e para revitalizar o catolicismo brasileiro.

Na carta pastoral de 1923, por título “ A volta do homem e da sociedade para Deus”, Dom Aducto faz várias menções sobre o afastamento dos políticos da religião católica:

Deveis pois saber bem, homens da ordem e da conservação: se a desordem e a corrupção de costumes acabarem por triunfar na nossa mui querida Parayba, no nosso tão caro Brazil; se vier um dia de completa ruina para todos os interesses da fé e da moral cristã, sereis os responsáveis no tribunal da história, por haverdes preferido todos esses males sociais a voltar a pratica da verdadeira religião (CARTA PASTORAL, 1923. p.56).

Em 1924 na Parayba do Norte circulava “O Jornal”, a qual tinha uma nota que se chamava “a religião e o progresso”, neste artigo de jornal o autor Rodrigo de Carvalho discutia sobre a importância dos pensamentos filosóficos na religião o mesmo diz: “ a religião não deve ser havida como contraria ao progresso; porque a religião também se aperfeiçoa com as conquistas do progresso”.

Como afirma Sousa Junior,

[...] no seio da Igreja os seus intelectuais se separavam cada vez mais da ciência e do pensamento sociopolítico, dando assim margem a formação de um enorme abismo entre igreja e o povo. Na contramão crescia o movimento de pensadores socialistas como Marx, Engels, Comte, entre outros que analisavam a sociedade e em boa parte se colocaram contra o pensamento retrógrado do catolicismo (SOUSA JUNIOR, 2015, p.18)

Em sua próxima carta no ano de 1926 o Arcebispo da Parayba , impulsiona seus fiéis a ter bom senso e através das leituras pastorais e das práticas religiosas se defenderem contra “a infernal propaganda protestante, espírita e marçonina.” (CARTA PASTORAL,1926, p. 33) no ano de 1928 Dom Aducto (1928) faz um alerta em suas cartas sobre o “radicalismo socialista” sobre tal ponto de vista o mesmo assegura que:

[...] o radicalismo socialista, em virtude do tal principio de independência, proclamado pelos mais responsáveis do bem social, para logo reivindica a perfeita inalienável igualdade de todos, destróe todo direito de comando, toda obrigação de obedecer, sendo cada um soberano de si mesmo... assegurando aos cidadãos a posse e a transmissão dos bens dos bens adquiridos pelo talento, pelo trabalho e pela economia, por aquilo que eles chamam de direito de partilha igual, e que não é mais do que a espoliação dos proprietários. Esse pretensu tornou-se thema do comunismo, que não recuou nem mesmo diante da destruição da família , pela abolição das leis sagradas do matrimônio. Nenhum dos elementos de ordem pública escapa das excomungadas seitas que, para melhor segurarem sua preza, terminam pelo nihilismo (CARTA PASTORAL, 1928. p.5).

Não se conformando com os dogmas da república, o arcebispo se refere a mesma como um “espírito de desordem e da falta de submissão às leis naturais subiu ao mais alto grau do termómetro social” (CARTA PASTORAL, 1928, p.6).

Os embates entre a Igreja e os novos ideais republicanos não ficaram apenas nos espaços de socialização, eles adentraram também pelos sermões e discursos proferidos por ambas as partes, eles – a Igreja e a Maçonaria -, almejavam o espaço e o poder do outro. Este teor e forma de discurso nos remete a exposição de Michel Foucault em seu livro “A ordem do discurso”, onde profere que,

Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder. Nisto não há nada de espantoso, visto que o discurso – como a psicanálise nos mostrou – não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é também aquilo que é objeto do desejo; visto que – isto a história não cessa de nos ensinar – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque pelo que se luta, o poder no qual nos queremos apoderar (FOUCAULT, 2013, p.10).

Além dos púlpitos e altares, os combatentes para propagar seus conceitos, utilizaram outros instrumentos, tais como, os periódicos que circulavam na Paraíba naquele tempo. Como afirmação, citamos Melo (2013, p.154b) que escreveu: “(...) Para periodistas católicos, o progresso social tornava-se perigoso, porque implicava no afrouxamento dos antigos laços de controle patriarcal”.

É perceptível a preocupação da Igreja católica com o fim do sistema de padroado, que a mantinha unida ao Estado. O controle exercido pela Igreja por meio do patriarcalismo e de sua ação pastoral, serviam como sustentáculo para que a Igreja mantivesse o seu lugar de imponência e de única instituição detentora da verdade.

3.2 A “Boa Imprensa”: a utilização da imprensa pela Igreja

A Arquidiocese da Paraíba, além dos sermões ministrados através da oralidade em suas missas, agora possuía em suas mãos um meio de vigilância dentro dos lares paraibanos, com o objetivo de manter suas ovelhas em seu aprisco evitando que bebessem em outras fontes.

O periódico ‘A Imprensa’⁴ tinha como principal característica um discurso doutrinador, e magistral em críticas ao que ele define de progresso sem Deus. Enfim, ‘A Imprensa’ significava a oposição aos novos ideais propagados por periódicos não católicos.

⁴ O jornal serviu também, como campo de batalha entre ideais católicos e maçônicos, por exemplo, cada um possuía seu próprio veículo de informação, que circulam nesse momento e são pensados com o intuito de

Para Ferreira(2013), o jornal A Imprensa, foi criado como estratégias de ação para a romanização, que além de porta voz dos interesses católicos, também atendeu aos interesses da oligarquia agrária, que era o grupo social mais representativo do clero paraibano. A mesma autora nos mostra que

Essas publicações estavam como defesa da divulgação dos ideais republicanos, na Paraíba, expressaram-se através da maçonaria e do jornal O Commercio, pois afirma que este periódico abria espaço em suas colunas para divulgar o positivismo, a maçonaria, o protestantismo, o espiritismo, além de representar a voz que clamava pela laicização do Estado[...] passou a ser o principal interlocutor do Estado e da Igreja na polêmica que se instalou no período de implantação da República e da Diocese na Paraíba (FERREIRA, 2013, p.14).

Dom Adauto preocupado com esta modernidade que tomara o lugar das notícias da então derrotada monarquia nas páginas dos periódicos, e que colocava em risco a moral daqueles que os consumiam, viu-se na obrigação de proteger seu rebanho dos males apresentado pela imprensa não católica. O Bispo passa a redigir seguidas cartas pastorais com o objetivo de imunizar seu rebanho contra a ‘má imprensa’, e é justamente a Carta Pastoral intitulada ‘Nosso dever para com a imprensa’.

Nesta Carta Pastoral Dom Adauto reprime seu rebanho quanto à leitura de livros, jornais e folhetos que disseminavam os ideais políticos republicanos vigentes na época.

[...] A má imprensa é a causa da perda de nosso tempo, da nossa Patria. Que vêm a ser os periodicos ao serviço dos que só espalham a mentira e a immoralidade? Uma tal imprensa mata a alma, corrompe os espiritos e serve de estímulo às paixões. Esta imprensa é uma fonte impia e envenenada em que bebem quotidianamente milhares de indivíduos, perdendo o seu coração e corrompendo a sua alma [...] (CARTA PASTORAL, 1918, p.13).

É perceptível o quanto Dom Adauto foi movido pelas concepções religiosas e dogmáticas, herdadas por seus mestres Leão XIII e Pio X, ao utilizar o jornal ‘A Imprensa’ para propagar suas ideias. Identificamos na carta pastoral um discurso de reprovação, à secularização da imprensa na época, essa reprovação foi cada vez mais em ascensão efetivada pela Igreja Católica.

No corpo da Carta Pastoral percebe-se um discurso maniqueísta/dualista equipado de elementos tais como: vida e morte, boa e má, moral e amoral. Dom Adauto ver-se com a responsabilidade de batalhar contra os seus opositores para assegurar que os fiéis da Santa Igreja, à ele confiados, permaneça no Caminho da vida.

[...] A razão é porque a imprensa constitui hoje, mais que nunca, o principal alimento do espirito, assim para a vida como para a morte, tanto para o bem como para o mal. Boa, transmite aos indivíduos e á família a vida moral, trazendo concomitantemente a segurança das instituições, o bem-estar da sociedade e o verdadeiro progresso dos povos. Má, arrasta consigo a decadencia, amontoa destroços sobre destroços: gera a morte (CARTA PASTORAL, 1918, p. 4).

Observamos que em todo o transcorrer do corpo da Carta Pastoral há elementos que propõe dois caminhos, sendo que apenas uma deve ser a opção escolhida, que consiste em: estar a favor da ‘boa imprensa’ ou contra ela. Aqueles que optassem por acolher os princípios difundidos pela ‘boa imprensa’ seriam recompensados com uma educação de excelência que resultaria em mudança intelectual e moral. Enquanto que os optassem por uma imprensa que não fosse a ‘boa’, não passariam de seres infelizes que

[...] vão corrompendo, aos poucos, insensivelmente sua inteligência, seu coração com a leitura de mãos livros, péssimas revistas, ruins folhetos e jornaes, todos impregnados, tanto ou quanto, de erros modernos, de mentiras e calumnias que logo se lhes pegam na alma e passam ás famílias e amigos (CARTA PASTORAL, 1918, p. 5).

Dom Aducto dar continuidade ao seu sermão exortando o público de ‘A Imprensa’, para comprar material impresso daqueles que, segundo ele, não passam de inimigos da Pátria. Menciona que tem ouvido por parte de seus fiéis, reclamações a respeito dos maus exemplos propagados por periódicos de cunho não católico, que tem lançado temíveis venenos principalmente entre os jovens, e estes, têm se desviado do caminho do bem.

Dentro dos adros da igreja imperava a apostasia, que segundo Dom Aducto isto acontecera devido às leituras de literaturas, classificadas por ele como prejudiciais à fé e os bons costumes. O discurso de Dom Aducto na tentativa de persuadir e trazer de volta àqueles que haviam se afastado do seu aprisco, Dom Aducto exorta-os mostrando-lhes suas obrigações, enquanto ovelhas de seu rebanho, “é dever de todos os catholicos sustentar, conforme suas posses, a bôa imprensa, avigorar, na medida de suas forças, o jornalismo catholico” (CARTA PASTORAL, 1918, p. 7).

Ele segue sua Carta Pastoral quanto à postura adequada e em conformidade com os bons costumes, e que a ‘má imprensa’ usava seus impressos para afrontar a Religião e a Pátria, como a exemplo da citação abaixo:

Não faltam, certamente, no meio de vós, impressos cheios de espirito irreligioso, nos quaes, mui frequentemente, se combate de uma maneira directa a Igreja Catholica nos seus dogmas, sua moral, sua divina instituição e constituição e nos seus ritos; a impiedade é, ás vezes, ali espalhada tão copiosamente e por modos tão repugnantes

que o animo de quem não tenha de todo perdido a fé, fica profundamente horrorizado! E andam, todavia, essas publicações pelas mãos de todas e oxalá muitíssimos daqueles que são e querem permanecer catholicos e exercitam ainda as praticas religiosas não nas lessem todos os dias e não lhes dessem entrada livre e pacifica morada em suas casas, oferecendo, assim, ensejo a que jovens inexperientes, donzelas inocentes encontrem tão abundantemente preparado o mais perigoso veneno que depressa lhes corromperá a mente e o coração (CARTA PASTORAL, 1918, p.12-13).

O discurso doutrinário de Dom Aducto a seu rebanho, se estende até o final da Carta Pastoral, onde antes das saudações finais o mesmo faz sua última exortação, está com teor de convocação, “trabalhem todos, fieis e clero, Veneraveis Irmaos e Filhos muito amados, pela Boa Imprensa, para trazer suplantada sempre a cabeça da serpe seductôra, quer dizer, os erros e vícios, obstando, por todos os meios, a que dominem sobre a família e a sociedade” (CARTA PASTORAL, 1918, p.20).

Os discursos são práticas sociais historicamente datadas, ou seja, são compreendidos dentro do contexto sociocultural em que se dão. Pois dentro disso, os discursos de Dom Aducto que através de seus mecanismos, atua como uma força coagindo, disciplinando e controlando os indivíduos. Para Foucault, na modernidade, à medida em que foram mudando as relações sócio políticas e econômicas, também foram sendo produzidas novas relações de poder, mais adequadas às necessidades do poder dominante.

4. Considerações Finais

Com base na formulação de algumas questões e por meio de modelos teóricos, a partir de um primeiro contato com as fontes, foi possível estabelecer até esta fase da pesquisa, que as cartas publicadas pelo Dom Aducto Aurelio de Miranda Henriques, se valeu de estratégias , usando da linguagem oficial da Igreja, direcionada aos clérigos e fieis , na tentativa de modificar os costumes dos mesmos, fortalecendo portanto seus ideais, nosso objetivo seria mostrar como a “Boa Imprensa”, expressão sempre utilizada pelo Arcebispo da Parayba do Norte ao se pronunciar sobre os jornais, utilizou-se da palavra escrita, usando os periódicos e jornais, para a propagação dos objetivos da Igreja Católica no século XX.

A presente abordagem nos permitiu uma reflexão de que não existem sociedades livres de relações de poder. Os indivíduos são resultado imediato e constantes dessas relações. Desse modo, a Igreja Católica Apostólica Romana, acabara de intervir, conduzir e orientar diversos setores da vida social, reforçando assim sua estratégia de permanência e atuação no

decorrer da história. Pois para o dom Aducto a fé contribui para o reinado da paz, da justiça, da boa moral entre as pessoas, sendo Deus e a sua Igreja, a Católica Romana.

Constatamos nessa pesquisa que a criação da diocese na Parayba, fez parte de um plano maior do movimento ultramontano no Brasil, e que não foi por acaso que o Dom Aducto foi escolhido como o primeiro bispo, e posteriormente arcebispo, pois o mesmo trazia entalhado em sua personalidade conceitos fortes sobre a moral e os bons costumes ,provavelmente pela sua tradição familiar , esse simbolismo patriarcal de poder e autoridade advindos de uma herança familiar imaterial, fez com que o mesmo se destaca-se a ponto de se tornar alvo até os dias de hoje de várias pesquisas.

Este processo atinge um tal grau de eficiência, complexidade/simplicidade que o poder parece adquirir vida própria, como se prescindisse dos indivíduos. Assim, o poder parece simplesmente funcionar independentemente dos indivíduos. Através do aparato ideológico, burocrático e bélico, o poder se exerce, coagindo e fazendo com que os indivíduos se submetam, pois, apesar de o poder parecer invisível, adquire força na medida em que os indivíduos se transformam numa espécie de correia de transmissão e de reprodução. De acordo com essa concepção, o poder de uma forma rude e grosseira, evolui e apresenta-se de forma sofisticada e sutil.

Enfim trata-se de relações de poder que constituem um sistema de poder, a partir de instituições que mantêm uma ligação social, política entre si com base no Estado. Dom Aducto como um bispo reformador, sua relação com o Estado foi de cordialidade e cooperação mútua, favorecendo as duas instituições: Igreja que consolidava o projeto de romanização e o Estado que, através das oligarquias incontestáveis pela Igreja, assegurava o novo regime na Paraíba.

IN THE TECITURAS OF THE POWER: THE CONSTRUCTION OF “GOOD PRESS”
THROUGH THE PASTORAL LETTERS FOR DOM ADAUCTO DE MIRANDA IN
PARAÍBA (1890-1930)

ABSTRACT

By the advent of the Republic in 1890, the social political scene had gone through significant changes. It stands out because, in this research, the separation of Church and State, with the implementation of the Laic State in Brazil. These religious political character changes stirred up the structures of the Catholic Church, which had to adapt to the changes that the country was going through. It is within this political scenario of the First Republic (1890-1930), that the construction of my article is included, bringing to the state of North Parayba from the use of printed sources such as newspapers and pastoral letters. We tried to find out through the character of Dom Aducto de Miranda Henrique the first bishop and archbishop of North Parayba, how was the adaptation of the Church to this new political scenario? How does the Church respond? And what were its weapons to fight the ideals that came against church doctrine? The methodology used was the reading of letters and pastoral newspapers published by the Catholic press as well as publications of other newspapers of the time within the State. To give theoretical and methodological support, it was made use of complementary readings of Brazilian historiography.

Keywords: Church; Republic; Power.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Horácio de. *História da Paraíba*, vol. 2, João Pessoa, Editora Universitária
- ARÓSTEGUI, Júlio. *A pesquisa histórica: teoria e método*. São Paulo. EDUSC,2006.
- ARAÚJO, Fátima. *Paraíba: imprensa e vida*. João Pessoa. 2ª ed.1986.
- BARRETO, Raylane Andreza Dias Navarro. *A formação dos padres no Nordeste do Brasil (1894-1933)*. 01. Ed. Natal, Edufrn,2011.
- BOURDIEU, Pierre. *Razões Práticas: Sobre A Teoria Da Ação*. São Paulo: Papirus, 1996.
- _____. *O Poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- _____. *Gênese e Estrutura do Campo Religioso*. In: Bourdieu, Pierre. Sérgio Micelli (org.), 5 ed. Ed. Perspectiva, São Paulo, 2004. a/UFPB, 1978.
- COSTA, Suzana Queiroga da. *Jornal A Imprensa como fonte de informação e memória da produção editorial paraibana do século XX de 1912 á 1942*. 2011.191 p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Informação), Universidade Federal da Paraíba.
- COSTA, Emília Viotti. *Da Monarquia a República: Momentos Decisivos*. 8ª Edição - São Paulo, Editora UNESP, 2007.
- DIAS, Roberto Barros. *Deus e a pátria: Igreja e Estado no processo de Romanização na Paraíba (1894-1930)*. Dissertação de Mestrado em História – Programa de pós-graduação em História - UFPB – João Pessoa, 2008.
- FERREIRA, Lúcia Guerra. *Igreja e Romanização: Implementação da Diocese da Paraíba (1894/1910)*. 1994. Tese de Doutorado em História – USP. 1994.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. – 23. ed. – São Paulo: Edições Loyola, 2013.
- FOLCON, Francisco. *História Cultural: Uma nova visão sobre a sociedade e a cultura*. Rio de Janeiro. Compus,2002.
- GOMES, Daniela Gonçalves. *Ordens terceiras e o ultramontanismo em Minas: catolicismo leigo e o projeto reformador da Igreja Católica em Mariana e Ouro Preto (1844-1875)*. Dissertação apresentada ao PPGHIS da Universidade Federal de Ouro Preto, maio de 2009. p. 22-23
- GUIMARÃES, Romério Lima.GOMES, Iordan Queiroz. *Cultura Política e (Re)Leituras do Passado: Os Jornais “Gazeta do Sertão” e “Verdade” na recepção das ideias republicanas na Paraíba (1888-1889)*. Artigo para conclusão de curso UVA. Paraíba. 2016, 20 pág.
- HAUCK, João Fagundes et alii. *História da Igreja no Brasil. Segunda Época*. Petrópolis: Vozes, 1985.

HENRIQUES, Dom Adauto Aurélio de Miranda. *Cartas Pastorais 1894 / 1935*. Paraíba do Norte. Arquidiocese da Paraíba. AEPB - Arquivo Eclesiástico da Paraíba.

LEVI, Giovanni. *A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2000.

LIMA, Francisco. *D. Adauto: subsídios bibliográficos*. 2ª Edição (1855 / 1915). João Pessoa: Editora Unipê, 2007. Vol.1.

_____. *D. Adauto: subsídios bibliográficos*. 2ª Edição (1915 / 1935). João Pessoa: Editora Unipê. 2007. Vol.2.

LUCA, Tania Regina. *História dos ,nos e por meio dos periódicos*. São Paulo:Contexto,2010.

LUSTOSA, Oscar de Figueiredo. *A Igreja Católica no Brasil – República: Cem anos de compromisso (1889-1989)*. São Paulo. Paulinas, 1991.

MARTINS, Ana Luiza. *República um outro olhar*. 5. ed. – São Paulo: Editora Contexto, 1997.

MAGALHÃES, Magna Lima. *Crônicas e notas: a imprensa hamburguesa e o 13 de maio*. *Revista Fronteiras-estudos midiáticos* v.12,n 1, p.60-66, Jan/Jul 2004. Disponível em: <<http://revcom2.portcom.intercom.org.br/index.php/fronteira/issue/archive>> Acesso em 09 de maio 2016.

MELO, Patrícia Bandeira. *Um passeio pela História da Imprensa: O espaço público dos grunhidos ao ciberespaço*. Artigo publicado na Revista Comunicação & informação, da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás, V. 8, n. 1, (jan./ jun. 2005).

MELLO, José Octávio de Arruda. *História da Paraíba – Lutas e Resistência*. 12. ed. – Paraíba: Editora A União, 2013.

MORAES, Laudeireida Eliana Marques (Org): *Catálogo do Jornal A IMPRENSA 1897-1968*. João Pessoa: Arquidiocese da Paraíba / NDIHR,1992 _____. Breve Histórico do jornal A IMPRENSA. 1992. Apostila.

SILVA, Cezar José. *DOM ADAUTO DE MIRANDA: As multifaces do primeiro bispo da Paraíba*. 2012.36 p. Graduação (Licenciatura em História), Universidade Estadual da Paraíba.

SOARES, Antônio Jorge; HELAL, Ronaldo; SANTORO, Marco Antonio. *Futebol imprensa e memória*. *Revista Fronteiras estudos midiáticos*, v.6, n.1, p .61-78, Jan/Jul 2004. Disponível em: <<http://revcom2.portcom.intercom.org.br/index.php/fronteira/issue/archive>> Acesso em 09 de maio 2016.

SOUSA JUNIOR, José Pereira. *Estado Laico, Igreja romanizada na Paraíba republicana: relações políticas e religiosas – (1890-1930)*. 2015. Tese de Doutorado em História, UFPE, 2015.

SOUSA, Jorge Pedro. *Elementos de Teoria e Pesquisa da Comunicação e dos Media*. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 2003.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

ANEXO

RELAÇÃO DAS CARTAS PASTORAIS PUBLICADAS POR D. ADAUTO.

Entre 1894 a 1935, foram publicadas no jornal oficial da Igreja católica em solo paraibano cerca de 29 cartas, assim distribuídas.

1. Saudando aos seus Diocesanos (1894)
2. Carta reservada aos reverendos vigários de diocese (1897)
3. Sobre o sacerdócio e o seminário diocesano (1897)
4. Devoção do Sagrado Coração de Jesus e sua influencia social (1898)
5. A consagração do gênero humano ao Sagrado Coração de Jesus (1900)
6. A preparação próxima da Diocese para a solene homenagem a Jesus Cristo e ao vigário na terra (1900)
7. A extensão e prorrogação do grande Jubileu (1901)
8. Dos males da ignorância religiosa (1905)
9. Do zelo sacerdotal (1907)
10. Deus e a Pátria (1909)
11. Aos fiéis da Freguesia de Bananeiras (1910)
12. Execução á Bula de criação da diocese de Natal (1910)
13. Da Santidade e do Ministério Sacerdotal (1914)
14. Comunidade a elevação da Paraíba a Metrópole (1914)
15. O Parochiato (1916)
16. Da natureza do Governo Eclesiástico (1917)
17. Do dever de gratidão para com Deus (1917)
18. Tudo pela Pátria nada sem Deus (1917)
19. Do nosso dever para com a imprensa (1918)
20. Da Sagrada Eucharistia (1919)
21. Festas Jubilares (1919)
22. O segredo de nossa felicidade (1922)
23. A volta do homem e da sociedade para Deus (1923)
24. Da correspondência as Graças Divinas (1926)
25. Doutrina contra Doutrina (1928)
26. Propagação de Fé e Instrução Religiosa (1930)
27. Das vantagens do ensino religioso (1932)
28. O Santo Jubileu (1934)
29. Sobre o encerramento do ano Jubileu (1935)